

A VISITA INESPERADA

Hartley E Daily Na Revista Sunshine [Luz Do Sol]

O vale de Greenbriar estava praticamente escondido pelas nuvens baixas, responsáveis pela chuva intermitente.

Enquanto caminhava com dificuldade pelo curral, bem ao lado do celeiro, preparando-me para fazer as tarefas da tarde, dei uma olhada para a estrada que passava por nosso pedaço de terra e serpenteava ao longo do vale. Havia um carro parado à beira da estrada, um pouco mais à frente do pasto.

Obviamente, o carro devia estar com algum problema. Caso contrário, aquele homem tão bem vestido não estaria na chuva, procurando consertá-lo. Eu o observava enquanto fazia meu serviço. Era óbvio que o homem não era mecânico, pois se movia exasperada e afobadamente do capô levantado para o banco do motorista, tentava dar a partida e voltava a examinar o motor.

Anoitecia quando terminei meu serviço e fechei o celeiro. O carro ainda estava parado no mesmo local, então peguei uma lanterna e fui para a estrada. O homem, quando me viu, ficou surpreso e um pouco contrariado, mas parecia ansiar por minha ajuda. O carro era pequeno, da mesma marca que o meu, só que mais novo. Em alguns minutos, consegui descobrir o problema.

- É a bobina! - disse-lhe.

- Mas não é possível! - deixou escapar. - Faz um mês que troquei essa bobina.

Ele era bem jovem ainda, quase um garoto. Talvez tivesse apenas 21 anos. Parecia desesperado, à beira das lágrimas.

- Bem, senhor - ele disse com a voz entrecortada -, estou muito longe de casa e está chovendo. Tenho de fazer o carro funcionar. Preciso conseguir!

- Bem - disse-lhe - as coisas são assim mesmo! Bobinas são imprevisíveis. Às vezes duram anos a fio, outras queimam após apenas algumas horas de uso. Bem, posso pegar um cavalo e puxar o carro até o celeiro, para daí vermos o que é possível fazer. Tentaremos usar a bobina do meu carro. Se funcionar, conheço alguém que pode ajudá-lo. Ele mora bem perto, logo ali depois da curva. Certamente, ele terá uma disponível para vender.

Meu prognóstico estava correto, pois assim que colocamos a bobina de meu carro no dele, o motor funcionou imediatamente e começou a roncar como se fosse novinho em folha.

- Sem maiores problemas! - disse-lhe sorrindo. - Vou com você até a casa de Bill David, e ele lhe venderá uma bobina nova. Só vou avisar a Jane, minha esposa, e já volto.

Achei que o jovem, quando chegamos à venda de Bill David, comportou-se de forma estranha. Ele parou o carro atrás da loja, em um local bem ermo, e não saiu do carro. Desculpou-se dizendo que estava molhado e com frio: "Eis o dinheiro. Certamente você se importa de comprar a bobina para mim, não é mesmo?".

Quando acabamos de trocar a bobina, percebi que Linda, minha filhinha, estava vindo em nossa direção.

- Mamãe disse que o jantar está pronto! - disse e, a seguir, virou-se para o desconhecido. - Ela falou que é para você entrar e jantar com a gente.

- Ah! Mas eu não posso ficar aqui! - ele lamentou. - Além disso, não gostaria de dar trabalho a vocês. Bem, de qualquer forma, tenho de seguir. Obrigado, mas realmente não posso ficar.

- Que é isso! - disse-lhe. - Afinal, quanto tempo você se atrasará se sentar-se à mesa e comer conosco? Lembre-se, ninguém vem à casa de Jane na hora da refeição e sai de barriga vazia. Você não quer que ela se jogue na lama, em frente ao seu carro, e implore para que fique, não é mesmo?

Ele se deixou levar até nossa casa, embora ainda estivesse protestando. No entanto, pareceu-me que havia algo mais naquele protesto, além da simples educação.

Ele permaneceu bem quieto à mesa, enquanto eu agradecia pelo alimento. No entanto, durante a refeição ele parecia inquieto e mal tocou a comida, o que era quase uma ofensa para Jane, que se orgulhava de ser uma das melhores cozinheiras da região.

Assim que acabamos de comer, ele se levantou e disse que tinha de partir. No entanto, ele não conhecia Jane.

- Olhe aqui! - disse ela, enquanto olhava para mim para pedir apoio. - Ainda está chovendo muito, sua roupa está molhada e você deve estar com muito frio. Aposto como também está muito cansado, pois deve ter dirigido muito hoje. Fique aqui e amanhã você põe o pé na estrada, pois estará se sentindo bem melhor: descansado e com a roupa seca.

Fiz um leve sinal para ela. Nem sempre é aconselhável abrigar estranhos em casa. Infelizmente, há muitas pessoas nada confiáveis, mas gostei desse jovem. Tinha certeza de que ele não nos causaria nenhum problema.

Ele concordou em passar a noite conosco, embora ainda estivesse um pouco relutante. Jane o convenceu a ir para a cama e, depois, pendurou sua roupa próximo à lareira para que secasse.

Na manhã seguinte, ela passou toda a roupa dele e lhe serviu um bom café, que ele devorou com satisfação. Pela manhã, ele estava mais tranquilo, pois já não parecia tão agitado quanto na noite anterior. Antes de partir, agradeceu-nos prodigamente.

No entanto, quando partiu, algo estranho aconteceu. No dia anterior, ele se dirigia para o sul do vale, mas então tomou o rumo oposto, para o norte. Isso nos deu o que pensar, até que por fim decidimos que, na verdade, ele cometera um engano e pegara a direção errada.

O tempo passou, e nunca mais tivemos notícias desse jovem.

Aliás, não esperávamos mesmo que ele desse sinal de vida. Os dias se transformaram em meses, e os meses em anos. O período marcado pela depressão econômica acabou, e a guerra começou.

Com o tempo, até a guerra acabou. Linda cresceu e se casou. As coisas na fazenda estavam bem diferentes do que na época em que enfrentávamos dificuldades. Jane e eu levávamos uma vida calma e confortável, envolvidos pelo adorável vale de Greenbriar.

Outro dia, porém, recebi uma carta pessoal de Chicago, e em um papel de boa qualidade. Fiquei imaginando quem poderia ter me enviado uma carta de Chicago. Eu a abri e li o seguinte:

Caro Sr. McDonald,

Não sei se o senhor se lembra do jovem a quem ajudou, faz muitos anos, quando o carro dele quebrou.

Passou-se muito tempo, e imagino que já tenha ajudado muitas outras pessoas. No entanto, duvido que tenha ajudado alguém da maneira como me ajudou.

Sabe, aquela noite eu estava fugindo. Tinha, em seu carro, uma grande quantia de dinheiro que roubara de meu patrão. Quero que saiba que meus pais eram bons cristãos. Infelizmente, deixei de lado o ensinamento que recebi e comecei a me relacionar com pessoas erradas. Sabia que fizera algo abominável.

No entanto, sua esposa e o senhor foram muito gentis comigo. Naquela noite que passei em sua casa, comecei a perceber meus equívocos. Antes de o dia raiar, já havia tomado uma decisão. No dia seguinte, retomei. Procurei meu patrão e lhe contei tudo o que fizera. Devolvi-lhe todo o dinheiro e fiquei à mercê de sua misericórdia.

Meu patrão poderia ter-me processado, e certamente eu passaria muitos anos na cadeia. Ele, porém, é um bom homem, pois permitiu que continuasse trabalhando para ele. E eu nunca mais me desviei do bom caminho. Hoje, estou casado. Minha esposa é adorável e temos dois filhos queridos. Em minha vida profissional, consegui uma boa posição na companhia para a qual trabalho. Não sou rico, mas estou bem financeiramente.

Poderia recompensá-lo generosamente pelo que o senhor fez por mim naquela noite, mas não creio que é isso o que o senhor deseja, portanto estabeleci um fundo para ajudar outros que, como eu, tomaram a atitude errada. Espero que, dessa maneira, possa retribuir pelo que fiz.

Que Deus o abençoe, e também a sua bondosa esposa, que me ajudou mais do que o senhor poderia imaginar.

Entrei em casa e mostrei a carta a Jane. Pude perceber que, enquanto ela lia a carta, seus olhos ficaram marejados. Ela deixou a carta de lado e, com ar muito singular, citou a seguinte passagem: "...porque tive fome, e me destes de comer; [...] era forasteiro, e me acolhestes; [...] estava na prisão, e fostes verme" (Mateus 25.35,36).

Robert Fane